



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
BACHARELADO EM LETRAS - TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS-
PORTUGUÊS

CAROLINE BARROS WEILER

**INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS PARA A
LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS UTILIZADAS EM UMA
CONFERÊNCIA**

PORTO ALEGRE

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Weiler, Caroline Barros
Interpretação simultânea da língua brasileira de
sinais para a língua portuguesa: análise de
estratégias utilizadas em uma conferência / Caroline
Barros Weiler. -- 2019.
53 f.
Orientador: Tiago Coimbra Nogueira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor e
Intérprete de Libras, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Interpretação para o Português. 2. Estratégias
na interpretação. 3. Língua Brasileira de Sinais. 4.
Interpretação simultânea. 5. Interpretação de
conferência. I. Nogueira, Tiago Coimbra, orient. II.
Título.

CAROLINE BARROS WEILER

**INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
PARA A LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS
UTILIZADAS EM UMA CONFERÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para o grau de Bacharel em Letras – Tradutor e Intérprete de Libras – Português e Português - Libras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Professor orientador: Me. Tiago Coimbra Nogueira

Porto Alegre

2019

É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que num dado momento a tua fala seja a tua prática.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Alexandre, obrigada por ser meu primeiro professor nessa vida, me ensinou a lutar, questionar e amar. Tão parecidos, mas tão diferentes. Te ter ao meu lado todas manhãs, por aqueles 5 minutos me deu forças para continuar. À minha mãe, Juliane, dona dos melhores conselhos que recebi, a calma em meio a tempestade, a voz que emana luz e sabedoria. Sempre orgulhosa, me orgulhando de tê-la como minha primeira moradia. Mano, Bruno, sempre me alegrando com suas novidades e perspectivas novas de ver o mundo! Vocês são meu suporte, amo vocês desde o início, amo vocês genuinamente, amo vocês para sempre.

Fabiane e Isabelly, vocês são o começo de tudo, são meus exemplos, mulher e menina, guerreiras que amo.

Ao meu amor, Nicolas, obrigada pelas doses de alegria, empatia, compreensão e “edição”. A jornada não seria tão leve se tu não fizesses parte dela “[...] contigo vou baixando a minha armadura, estou segura”.

Tiago, meu maestro e mestre, aquele que me desafiou, ensinou e deu a mão para caminhar comigo, estarei sempre aqui te admirando, esperando tuas bondosas correções e pronta para dar novos passos. Aos demais professores e professoras não tenho palavras para agradecer todos ensinamentos, de vida e profissão, foram essenciais na minha caminhada.

Agradeço aos professores que participaram da banca, Bianca Pontin, e Vinicius Nascimento pelas contribuições e a equipe de intérpretes de Libras do Instituto de Letras Maitê, Kelen e Amanda.

Não posso deixar de agradecer aos meus parceiros, colegas SOBREVIVENTES e incansáveis companheiros, principalmente a minha amiga Giovanna, que com sua empatia estampada em seu rosto e pulso, me mostrou sobre o respeito ao próximo, sempre presente disposta a ajudar. Você é luz amiga.

Lembrança também aos meus colegas de profissão, amigas e amigos, que com muita paciência foram meus apoios e duplas durante momentos turbulentos, me dando força e torcendo por mim. Agradeço a Yasmin, Angelo, Patricia, Gabriel, Nathália e Simone.

A Deus agradeço por ter posto essas pessoas à minha volta, ter me capacitado e não desistido.

À todas e todos, gratidão.

RESUMO

O presente trabalho tem o propósito de realizar uma discussão e reflexão sobre questões referentes à interpretação simultânea da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para a Língua Portuguesa a partir de um estudo de caso, em que analiso uma palestra proferida em Libras e interpretada para Português. Ao observar as estratégias utilizadas durante essa interpretação verificaremos quais caminhos percorre o intérprete em busca de uma interpretação mais coerente na língua alvo. Abordaremos também sobre alguns dos motivos que poderiam explicar por qual razão os intérpretes que atuam com língua de sinais sentem-se inseguros com a interpretação para a língua falada e apresentar estratégias descritas na literatura que podem ser utilizadas por intérpretes durante a atuação. Optamos por uma abordagem qualitativa baseada em uma metodologia descritiva. Os resultados da análise apresentam diversas estratégias utilizadas durante a interpretação, também apresentam algumas dificuldades e soluções que surgiram durante a interpretação. Os problemas descritos demonstram o papel importante do trabalho em equipe e da preparação, além das diversas estratégias possíveis já descritas nos estudos da tradução e interpretação disponíveis para os intérpretes.

Palavras-chave: Interpretação para português. Sinal-voz. Estratégias na interpretação de Libras.

ABSTRACT

The presented paper has the purpose of creating a discussion, along a reflexion, upon the recent questioning on simultaneous interpretation of the Brazilian Sign Language (LIBRAS, in Portuguese) to the Portuguese Language, which comes from a case study where is analyzed a lecture given Sign Language and interpreted to Portuguese. By observing the strategies used during the interpretation, the possibilities on how the interpreter search for the proper interpretation will be verified. It will be approached as well some of the reasonable grounds which would be able to explain the reason why the interpreters who work with Sign Language feel insecure on interpreting the spoken language and also present strategies described on literature that could be used by interpreters during performance. It was opted on a qualitative approach based on a descriptive methodology. The analysis result presented several strategies used during interpretation, along with some difficulties and solutions presented while interpreting. The described situations demonstrate the important role of teamwork and preparation, besides the diverse possible strategies already presented on translation studies and interpretation available to interpreters.

Key-words: Portuguese interpretation. Signal-voice. Interpretation strategies of Brazilian Sign Language.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Modalidades da tradução.....	21
Tabela 2: Esquema para captação no ambiente.....	25

LISTA DE SIGLAS

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

TILSP - Tradutor intérprete de Libras - Português

ET - Estudos da tradução

EI - Estudos da interpretação

ETILS - Estudos da tradução e interpretação das línguas de sinais

SET - Semana de estudos da tradução

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	13
2.1. A interpretação de Libras para Português.....	13
2.2. Os desafios da interpretação simultânea da Libras para o Português.....	15
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS	26
3.1. Descrição do contexto de pesquisa e da coleta de dados	26
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	30
4.1. Mapeamento das estratégias interpretativas	30
4.2. Acréscimos.....	30
4.3. Explicitação/Implicação	33
4.4. Modulação e transposição.....	35
4.5. Omissão e retomadas	36
4.6. Adequação ao Gênero do discurso	40
4.7. Entonação/prosódia	41
4.8. Erro de compreensão/produção	42
4.9. Antecipação	45
4.10. Interpretação literal ou transliteração.....	46
4.11. Outras questões observadas.....	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o propósito de realizar uma discussão e reflexão sobre questões referentes à interpretação simultânea da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para a Língua Portuguesa a partir de um estudo de caso, em que analiso uma palestra proferida em Libras e interpretada para Português. Ao observar as estratégias utilizadas durante essa interpretação verificaremos quais caminhos percorre o intérprete em busca de uma interpretação mais condizente ao discurso dito na língua fonte e que seja mais naturalizada na língua alvo.

O interesse pelo tema inicia quando ouço, com certa frequência, entre intérpretes experientes e até mesmo meus colegas em formação, que a atividade de interpretação na direção Libras para Português seria mais complexa. Pude notar durante o período da graduação em Bacharelado em Letras: Tradutor e Intérprete de Libras (Português-Libras e Libras-Português) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no qual eu e meus colegas vivenciamos nas aulas práticas de interpretação um constante “frio na barriga” sempre que solicitada uma atividade de interpretação na direção Libras para Português. O nervosismo era aparente, não nos sentíamos preparados para esse tipo de situação e durante os exercícios da interpretação, por vezes, mantínhamos longos períodos de silêncio, omitindo informações de maneira não estratégica e em alguns casos desistindo.

Passei a me perguntar a razão disso acontecer e observava que em situações formais de atuação o mesmo acontecia. Durante toda formação esse tema me gerou certa inquietação, pois estou consciente que o intérprete deve dominar e atuar com as duas línguas envolvidas no processo de interpretação – sendo o Português, normalmente, a primeira língua dos/das intérpretes brasileiros/as –, pensei que deveríamos nos sentir seguros ao produzir a interpretação nessa direção. Porém, nos discursos enunciados pelos/as intérpretes, vemos que eles se sentem inseguros com a direção da interpretação de Libras para Português. Nesse sentido, alguns questionamentos norteiam nosso interesse e nossa discussão nesse trabalho: (I) o que as pesquisas sobre interpretação de Libras para Português têm a dizer sobre os motivos que levam os/as intérpretes a se sentirem inseguros com a interpretação para a língua de modalidade oral-auditiva?; (II) quais estratégias de interpretação são utilizadas para tornar o discurso interpretado para o Português a partir da Libras mais coerente e naturalizado?; (III) será que na interpretação simultânea todas as estratégias funcionam de forma efetiva?

O objetivo principal deste trabalho é descrever as estratégias utilizadas na interpretação simultânea de uma palestra em Libras, interpretada para a Língua Portuguesa. Os objetivos específicos estão relacionados ao interesse em levantar na literatura alguns dos motivos que poderiam explicar por qual razão os/as intérpretes que atuam com língua de sinais sentem-se inseguros com a interpretação para a língua falada e apresentar estratégias descritas na literatura que podem ser utilizadas por intérpretes durante a atuação.

Nesse trabalho, propõe-se uma análise de uma interpretação simultânea realizada por mim, autora, a partir de uma metodologia descritiva. Acreditamos que um estudo sobre essa temática, contribuirá para observarmos as estratégias utilizadas durante a interpretação com a intenção de resolver problemas referentes à interpretação na direção, comumente chamada de “sinal-voz” ou interpretação-voz (NASCIMENTO, 2012; LOURENÇO, 2018). Além disso, a construção do trabalho relaciona uma interpretação realizada em um contexto real com as estratégias de tradução/interpretação descritas na literatura.

Pretendemos realizar uma análise que funcione como um raio x, do que de fato aconteceu durante uma interpretação, as estratégias que funcionam e escolhas que muitas vezes não são condizentes a língua alvo devido a vários fatores. Esse trabalho visa também, relacionar a teoria estudada durante a graduação com o exercício prático da interpretação. Pois, compreendemos que os/as intérpretes devem estar conscientes de sua atuação e performance durante a interpretação.

Esperamos contribuir como mais um olhar para a interpretação simultânea e consequentemente para a constituição do profissional intérprete de Libras-Português. Além disso, acreditamos que a possibilidade de aperfeiçoar a prática interpretativa colabora também com os usuários do serviço de interpretação, os surdos, sujeitos que têm cada vez mais um papel ativo e de protagonismo em diferentes espaços de fala.

O trabalho está estruturado nas seguintes subseções: após estas reflexões introdutórias, apresentamos os elementos relacionados a interpretação de Libras para Português e os desafios da interpretação simultânea, apontando temáticas que algumas das pesquisas relacionadas aos estudos da tradução e interpretação acerca da interpretação realizada de Libras para a Língua Portuguesa, bem como, estratégias que podem ser utilizadas pelos/as intérpretes e descritas na literatura. Em seguida, descreveremos os métodos e procedimentos adotados, posteriormente, analisamos a interpretação e tecemos algumas considerações finais.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A interpretação de Libras para Português

O Tradutor e Intérprete de Libras-Português - TILSP é o profissional que desempenha o papel de mediar a comunicação entre falantes de línguas e culturas distintas e através dessa relação surdo e intérprete, que se desdobram vários fatores, como a história da profissão, contextos e meios de atuação. A partir de Nascimento (2012) podemos conceituar os TILSP como aqueles que tem a função de

[...] mediar a interação entre surdos e ouvintes que desconhecem sua língua. Com conhecimento da Libras e da língua portuguesa, sua atuação não se dá apenas na transmissão dos códigos linguísticos entre a língua fonte (LF) e a língua alvo (LA). Sua atuação constitui-se na mediação de discursos que são produzidos a partir de determinados lugares sócio-históricos específicos, de línguas em que as modalidades linguísticas são diferentes. Portanto, os discursos, as ideologias, as subjetividades e as culturas diferentes estão entrelaçadas e envolvidas nessa interação (NASCIMENTO, 2012, p. 81).

Como mediador de línguas e culturas, sabe-se que a história dos/das intérpretes de Libras-Português está intrinsecamente ligada a história das pessoas surdas. Nos últimos anos, após diversas legislações firmadas, como a lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e o decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, observamos novas oportunidades para a comunidade surda brasileira. Nesse sentido, vemos uma postura ativa das pessoas surdas, agora não mais receptores do discurso, mas como agentes e produtores do conhecimento, contribuindo para que os/as intérpretes assumam também um novo espaço social. A respeito disso, Nascimento (2012, p. 80) afirma que

Como condutores de sua história, os surdos adentram nas mais diversas instâncias sociais falando em sua língua e atuando nos mais variados campos de conhecimento como agentes de produção e como sujeitos ativos socialmente. E a partir desse movimento inclusivo e de participação social, surge a necessidade de profissionais que façam a tradução/interpretação dos discursos produzidos em línguas de sinais e em línguas orais.

Com essa perspectiva de acesso, os surdos e surdas assumem turnos de fala requerendo o processo de interpretação da língua de sinais para a língua falada, nesse sentido, é demandando mais interpretação para Português. De modo que,

A transformação histórica da socialização das pessoas surdas permitiu o acesso desses indivíduos aos diversos campos de saber, tendo como principal espaço os ambientes educacionais. Nesse sentido, pouco a pouco os sujeitos passaram a ocupar lugares de expressão, puderam ser sujeitos participantes nas relações sociais e nos debates instituídos em contextos variados, a partir dos movimentos de resistência e nos quais os focos de experiências foram gerados

e permitindo que os surdos se manifestassem sobre a língua e na língua de sinais (DIAS, 2018, p. 33).

Com essa transformação histórica-social, novos e variados contextos surgem. Assim, torna-se necessário cada vez mais a adequação aos discursos proferidos pelos surdos, requerendo dos/das intérpretes o conhecimento dos diversos tipos de discurso existentes, conforme dito por Quadros (2004, p.76) sejam eles “narrativos, persuasivos, explicativos, argumentativos, convencionais e procedurais”.

Sendo assim, estamos falando da interpretação interlíngua, como pensa Pereira (2015, p. 51) “A interpretação interlíngua é um fenômeno da tradução geral (língua A ↔ B, apresentado, em uma língua meta, na língua falada (oral, sinalizada ou tátil), com ou sem possibilidade de preparação e ensaio”. Essa interpretação serve como canal de relação entre pessoas que não compartilham fluência nas línguas que estão presentes no processo de interação, como acontece com a interpretação da Libras para o Português, e vice e versa, e é realizada por pessoas com habilidades bilíngues (PEREIRA, 2015).

De acordo com Nascimento (2012, p. 81) os/as intérpretes, quando atuam na interpretação da Libras para o Português, “dão voz sonora ao discurso gestual-visual-espacial dos sujeitos surdos, legitimando, para os leigos em Libras, a voz política conquistada por essa comunidade”. O autor ainda diz que

A voz sonora do TILSP possui papel preponderante na compreensão do discurso do surdo pela sociedade ouvinte. É nela que esse discurso ganhará significado para aqueles que desconhecem a Libras. O ato tradutório da Libras para o português, materializado nessa voz, pode qualificar ou desqualificar o enunciador surdo e, a depender do gênero discursivo em que esses sujeitos se enunciam, as escolhas realizadas pelo tradutor intérprete na língua alvo pode causar no interlocutor ouvinte efeitos de sentidos diferentes do planejado pelo locutor surdo (NASCIMENTO, 2012, p. 81).

Nesse sentido, a interpretação envolve muita responsabilidade ao mediar a comunicação e transmitir a voz dessa comunidade cada vez mais empoderada. Nos parece fundamental pensar que o intérprete deve sempre se preparar para realizar uma interpretação, além de desenvolver competências fundamentais para atuar em ambas as direções na interpretação.

Uma perspectiva que está atrelada a esse trabalho é a da “tradução naturalizadora”, ou em nosso caso, “interpretação naturalizadora”. Paulo Rónai conceitua que “tradução naturalizadora”, é a que “conduz uma obra estrangeira para outro ambiente linguístico, adaptando ao máximo aos costumes do novo meio, retira-lhe as características exóticas, faz esquecer que reflete uma realidade longínqua, essencialmente diversa” (RÓNAI, 1976, p. 3-4 apud GUERINI, 2008, P. 3). Assim, o

intérprete tem como metas naturalizar o discurso, de modo que seja compreendido pela cultura alvo como algo que pertence a ela, sem estranhamentos e formas não comumente usadas. Diante desse conceito em alguns momentos em nossa análise discutimos a adequação ou não de uma estratégia para a língua alvo.

2.2. Os desafios da interpretação simultânea da Libras para o Português

Os Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais - ETILS se localizam na intersecção entre os Estudos da Tradução (ET) e os Estudos da Interpretação (EI) (RODRIGUES; BEER, 2015). Nesse sentido, após uma busca inicial na literatura nesses campos, podemos dizer que há muitos trabalhos que discutem a interpretação simultânea na direção da Libras para Português. No entanto, cada uma dessas pesquisas encontradas destacam um ponto sobre a interpretação e servem de referencial para o nosso estudo.

A interpretação simultânea é frequentemente observada como modalidade escolhida em contextos em que a Libras e a Língua Portuguesa são as línguas de trabalho (NOGUEIRA, 2016). Nesse sentido o/a intérprete, ao ouvir ou ver o discurso na língua fonte, inicia o processamento das informações e vai produzindo o discurso na língua alvo. Os contextos e ambientes em que essa modalidade de interpretação é possível são diversos tais como: sala de aulas, seminários e eventos. Vale mencionar que a interpretação simultânea exige uma concentração muito grande e um grande esforço cognitivo (PAGURA, 2003).

Pagura (2003) diz que “a interpretação simultânea não ocorre, de fato, simultaneamente à fala original, pois o intérprete tem necessidade de um espaço de tempo para processar a informação recebida e reorganizar sua forma de expressão” (PAGURA, 2003, p. 211). Especificamente quando há uma língua de sinais e uma língua falada há uma demanda distinta - uma língua visual-gestual e outra oral-auditiva - conforme Lourenço (2018) e Rodrigues (2018) ocorre uma interpretação intermodal, e essa característica gera demandas para a atividade de interpretação.

Nesse sentido, Lourenço (2018) vai dizer que nas línguas de sinais há uma multidimensão, que possibilita produzir um discurso com informações coexistentes. Ao interpretar essas mesmas informações para uma língua linear, demanda-se habilidades e a necessidade da utilização de recursos tradutórios que permitam essa transposição da informação (LOURENÇO, 2018).

Na mesma direção, Rodrigues (2018) explica alguns dos efeitos da modalidade, tais efeitos estariam relacionados diretamente às características fonéticas da língua, uma vez que

Enquanto nas línguas orais os fonemas correspondem às unidades sonoras, nas línguas de sinais eles correspondem às formas das mãos, aos pontos de articulação e aos movimentos, por exemplo. O fato de as línguas de sinais realizarem-se por meio dos movimentos do corpo no espaço (mais especificamente da parte superior do corpo, da cintura para cima), ou seja, de o corpo constituir-se em língua, permite que algumas características se destaquem: a simultaneidade, a iconicidade, a sintaxe espacial, a visibilidade necessária do falante, a possibilidade de uso concomitante da modalidade vocal-auditiva, dentre outras (RODRIGUES, 2018, p. 117).

Logo, podemos compreender que esse é um dos desafios que os/as TILSP enfrentam durante o processo interpretativo de uma língua de sinais para uma língua falada, conseguir transformar um discurso visual, com elementos e informações conjuntas para um discurso linear.

Lourenço (2018) compreende que na atividade de interpretação é possível identificar dois processos, o primeiro é a compreensão do texto na língua fonte e o segundo a produção na língua alvo. O autor afirma que

Adicionalmente, tem-se o fato de que o intérprete é um sujeito bilíngue, quase sempre trabalhando com uma segunda língua (L2). O caráter bilíngue da tarefa de interpretação trouxe como um ponto central na agenda de pesquisa dos Estudos da Interpretação a questão da direcionalidade. Afinal, em que direção o intérprete obtém melhores resultados: partindo da sua primeira língua (L1-para-L2) ou produzindo em sua primeira língua (L2-para-L1)? A resposta para essa pergunta depende de como são concebidos os processos de compreensão e de produção na realização da tarefa (LOURENÇO, 2018, p. 4).

Percebemos que há uma tentativa de explicação sobre como os/as intérpretes podem desenvolver melhor suas performances e isso estaria relacionado aos processos de compreensão e de produção.

No contexto internacional, Nicodemus e Emmorey (2014) realizaram um grande estudo com intérpretes bimodais *American Sign Language* - Inglês e intérpretes monomodais de diversas línguas faladas, diante da pesquisa das autoras elas apresentam os seguintes motivos, descritos abaixo, como fatores que contribuem para que os/as intérpretes se sintam mais confiantes na interpretação na direção L1 (Língua Inglesa), para L2 (*American Sign Language* – ASL) em intérpretes bimodais:

- a. Os intérpretes bimodais recebem significativamente mais formação e prática de trabalho do Inglês para ASL.
- b. A soletração manual diminui a dificuldade de interpretar do Inglês em ASL mas aumenta a dificuldade de interpretar de ASL em Inglês.
- c. A transcodificação requer menos esforço do que criar uma interpretação, e é mais aceitável transcodificar ao interpretar do inglês para ASL do que de ASL para o inglês (por exemplo, alguns usuários surdos podem solicitar

transcodificação - palavra literal para traduções em sinais - de Inglês para ASL).

d. Os intérpretes bimodais têm mais controle sobre a sua própria produção de ASL do que quando recebem o discurso em ASL pelos usuários surdos que podem variar muito na sua capacidade de sinalização (90% dos surdos são sinalizantes não nativos na língua de sinais).

e. Os intérpretes bimodais (especialmente intérpretes novatos) podem ser mais capazes de automonitorar sua produção falada do que sua produção sinalizada porque o *feedback* auditivo desempenha um papel maior do que o *feedback* visual na detecção de erros. Uma maior consciência dos erros durante a "voz" (ASL para Inglês) pode levar os intérpretes bimodais a desfavorecer essa direção de interpretação (NICODEMUS; EMMOREY, 2014, p. 12, tradução nossa).¹

A partir desses dados é possível perceber vários fatores levantados como aspectos convergentes para que os/as intérpretes se sintam mais confortáveis na interpretação para Segunda Língua, no caso investigado a interpretação para ASL.

No contexto brasileiro, encontramos o trabalho de Dias (2018), que através de um questionário online, analisou as narrativas de intérpretes de Libras que ressaltam uma dificuldade maior na interpretação da língua de sinais para a língua falada. Dessa maneira, sua pesquisa trata das informações e falas dos/das intérpretes que foram obtidas por meio dos questionários, e observa fatores ligados a questões emocionais, como nervosismo e insegurança, considerando as subjetividades e as relações de poder presentes no processo interpretativo da língua de sinais para Língua Portuguesa.

Essas subjetividades dos sujeitos intérpretes, suas emoções e afinidades são importantes para o desenvolvimento pessoal e profissional, tais aspectos contribuem para que a interpretação da Libras para o Português assumam diversas versões e significados. Dias (2018) mapeia algumas dessas relações subjetivas, no entanto, compreendemos que esses fatores não podem ser determinantes durante a interpretação. Logo, os ETILS, principalmente nos aspectos da interpretação simultânea, aspectos técnicos, devem ser preponderantes para que o intérprete reduza dos efeitos da pressão emocional.

¹ No original: "In sum, we propose that the following factors all converge to favor interpreting from L1 (English) into L2 (ASL) for bimodal interpreters: a. Bimodal interpreters receive significantly more training and practice working from English into ASL. b. Fingerspelling decreases the difficulty of interpreting from English into ASL but increases the difficulty of interpreting from ASL into English. c. Transcoding requires less effort than creating an interpretation, and it is more acceptable to transcode when interpreting from English into ASL than from ASL into English (e.g., some deaf consumers may request transcoding – literal word for sign translations – of English into ASL). d. Bimodal interpreters have more control over their own ASL output than the ASL input they receive from deaf consumers who can vary widely in their signing ability (90% of deaf consumers are non-native signers). e. Bimodal interpreters (especially novice interpreters) may be better able to self-monitor their spoken than their signed output because auditory feedback plays a larger role than visual feedback in on-line error detection. A heightened awareness of errors during "voicing" (ASL into English) may lead bimodal interpreters to disfavor this interpreting direction".

Em um estudo semelhante e anterior, Sousa (2010) analisa a atuação de tradutores intérpretes de Libras-Português na cidade de São Luís, diante das opiniões coletadas relatou que dificuldades existentes na interpretação para língua falada, acontecem pela “falta de prática, experiência na área, fluência na língua de sinais e clareza no texto construído pelo surdo” (SOUSA, 2010, p. 64). Nesse sentido, a pesquisadora aponta alguns motivos para que os/as intérpretes tenham maior dificuldade na interpretação para o Português, primeiro a prática muito menos frequente nessa direção de interpretação na região onde a pesquisa foi realizada, que pode variar em outras regiões.

Sousa (2010) argumenta que, em alguns momentos, não dominar determinado assunto poderá gerar dificuldades, porém, compreendemos que para ambas as direções esse fator poderia ser um complicador. Outro aspecto apresentado é a fluência na língua de sinais, como um fator de dificuldade, uma vez que a Libras é a segunda língua, a ausência da compreensão da língua fonte impossibilita as escolhas na língua alvo (SOUSA, 2010). A autora ainda afirma que outro ponto seria a clareza do texto construído pelo orador, que pode ser surdo, ou não. De fato, hoje há muitas situações em que oradores ouvintes produzem os discursos em língua de sinais e que são interpretados para a língua falada. No entanto, também é possível que discursos em Português não sejam completamente claros e coesos podendo causar a mesma dificuldade, sendo esse também um argumento que pode gerar dificuldades em ambas as direções (SOUSA, 2010).

Assim, por mais que esses sejam aspectos relatados pelos/as intérpretes na pesquisa de Souza (2010), a respeito da direção Libras para o Português, advirto que alguns dos fatores apresentados também podem ocorrer na direção inversa, no entanto, muitas vezes, na ausência automonitoramento por parte dos/das intérpretes podem não perceber as escolhas inadequadas ao contexto.

Também, Lourenço (2018) em seu trabalho aponta diferenças e aspectos sobre a interpretação para língua falada e a interpretação para língua sinalizada, destacamos alguns desses pontos. Primeiro a compreensão do texto na língua fonte e a produção na língua alvo, partindo da discussão sobre direcionalidade, em que refletimos em qual direção o intérprete desempenha com maior qualidade sua função, sendo a produção em sua primeira língua, ou a de quando o intérprete parte da sua primeira língua e produz em sua segunda língua (LOURENÇO, 2018).

Além disso, Lourenço (2018) discute aspectos que estão presentes na direção sinal-voz, que podem influenciar nessa prática, como: ação de transliterar que pode ocorrer nesta direção; os altos níveis de monitoramento, “devido ao feedback auditivo que os intérpretes têm de sua própria fala” (LOURENÇO, 2018, p. 8) e o estresse que pode ser gerado pelo motivo do público receptor da interpretação sinal-voz ser um grupo linguístico majoritário, conforme indica o autor. Por mais que não nos atentamos a discutir e observar esses aspectos, consideramos interessante refletir sobre essas influências externas ao ato interpretativo, já que as mesmas não foram demasiadamente exploradas.

Sobre a transliteração aplicada ao presente trabalho, Lourenço (2018) considera a transliteração como o ato de interpretar palavra por palavra, sem conexões nas sentenças, porém, sabemos que há outras visões sobre o conceito de transliteração. Ainda sobre esse conceito, o autor adverte que “transliterar da língua de sinais para a língua falada é completamente inaceitável pela audiência ouvinte, que prontamente rejeita esse tipo de produção” (LOURENÇO, 2018, p. 7).

Dentre outros fatores, na literatura, levantados como problemáticos para a interpretação na direção de Libras para Português, podemos mencionar dificuldades e tempo no uso de datilologia. A datilologia é um desafio, quando pensamos na interpretação sinal-voz, por ser comum o seu uso em língua de sinais quando não se encontra um equivalente linguístico, porém em Português não há nenhuma “[...] estratégia compensatória equivalente que possa ser utilizada [...]” (LOURENÇO, 2018, p. 7). O que corrobora com a perspectiva de Nicodemus e Emmorey (2014), apontando que a soletração manual diminui a dificuldade de interpretar da língua falada para língua de sinais, mas aumenta a dificuldade de interpretar de língua de sinais para a língua falada.

Chaibue e Aguiar (2016), a partir de alguns autores, indicam que

[...] a utilização da datilologia é constante pelos surdos e muitas vezes são realizadas com rapidez, criando obstáculos para o entendimento do intérprete, visto que conforme assinalam Leite e McCleary (2009), a datilologia é uma das principais dificuldades presente nos discursos espontâneos (ARRIENS, 2006, apud CHAIUBE; AGUIAR, 2016, p. 16).

Diante dos fatores descritos, se percebe que são fatores internos e externos que podem gerar uma preferência, pela interpretação que direciona para a produção na língua de sinais. Nicodemus e Emmorey (2014) escrevem que fatores como proficiência têm um destaque na preferência de interpretar para a língua de sinais e isso pode ser resolvido com treinamento e exposição a língua.

No entanto, ao estar no turno da interpretação algo precisa ser dito, e estratégias interpretativas podem e devem ser adotadas, veremos na próxima seção possíveis estratégias que contribuem para a interpretação da Libras para o Português.

2.3. Algumas estratégias para interpretação

A partir de Vasconcellos e Bartholamei (2008), podemos conceituar problemas de tradução como uma realidade autônoma concreta, parte da realidade externa, uma situação de tradução de difícil solução. Segundo esses autores, só a partir da estruturação do problema de tradução, será, então, possível fazer uma intervenção consciente a fim de resolvê-lo.

Na interpretação, essa intervenção consciente está relacionada a estratégia, que conforme Vasconcellos e Bartholamei (2008, p. 9) “consiste em um conjunto de planos potencialmente conscientes para solucionar o que, para um indivíduo, se apresenta como um problema de tradução/interpretação”.

Como contribuição para nossa discussão, Hurtado Albir (2011, p. 276, tradução nossa) define estratégias, como “[...] os procedimentos individuais conscientes e inconscientes, verbais e não verbais, internos (cognitivos) e externos, utilizados para o desenvolvimento do processo de tradução para melhor eficácia em função das necessidades específicas”².

Nessa perspectiva mais geral de Hurtado Albir (2011), pensado para a tradução, direcionamos essa compreensão para atividades de interpretação, já que tal prática exige as mesmas necessidades, de tomadas rápidas de decisão, seja para solucionar problemas referentes à recepção ou produção da mensagem/interpretação, buscando melhor execução dessa tarefa (ABUIN, 2005 apud MITCH, 2011). Vejamos abaixo, algumas estratégias descritas nos estudos da tradução e interpretação que podem ser utilizadas durante a atividade de interpretação.

Albres (2010) considera a voz como espelho das emoções e elenca pontos como as representações emocionais na voz, através da entonação, cuidados com a projeção e velocidade da fala e boa dicção. Nessa direção, a autora afirma que “o intérprete deve expressar-se com clareza e propriedade em Português, levando em conta aspectos

² No original: “procedimientos individuales, conscientes y no conscientes, verbales y no verbales, internos (cognitivos) y externos utilizados por el traductor para resolver los problemas encontrados en el proceso traductor y mejorar su eficacia en función de sus necesidades específicas”.

culturais e linguísticos e respeitando o registro usado no discurso original, mas uma boa articulação e pronúncia são essenciais ” (ALBRES, 2010, p. 295).

Concordamos que saber adaptar a entonação da voz para diferentes contextos, como contação de histórias, piadas, conferências, torna a interpretação mais fluída e qualificada. Além disso, assumir a primeira pessoa durante esse processo, ou em caso de histórias, assumir diversos personagens - e conseguir demonstrar a presença disso através da mudança na voz (ALBRES, 2010) - é essencial, esses fatores agregam ao trabalho da interpretação, a prosódia e questões vocais, são de suma importância para a qualidade na interpretação. Importante salientar que o intérprete segue a prosódia vinda do enunciador surdo, porém, pensando nessa adaptação ao estilo do enunciador, o próprio contexto fornece “pistas” aos intérpretes a respeito de qual seria o estilo mais coerente com o ambiente e o público que está recebendo essa interpretação.

Dessa forma, as omissões também podem ser uma estratégia. Consideramos relevante acrescentar ao nosso estudo, a perspectiva de Barbosa (2015) a respeito da ocorrência de omissões durante o processo da interpretação simultânea. As omissões podem ser definidas, segundo Barbosa (2015), como informações que aparecem no discurso da língua fonte, mas não são interpretadas para a língua alvo. Frequentemente, por diversos motivos, como velocidade da fala na língua fonte, desconhecimento do significado da sentença, falta de compreensão e incapacidade de reprodução do conteúdo na língua alvo, optamos, conscientemente ou não, em omitir determinadas palavras ou frases (BARBOSA, 2015).

Barbosa (2015, p. 270) apresenta uma contribuição dessa discussão a partir de sua pesquisa, demonstrando que as “[...] omissões são intrínsecas ao evento interpretativo, porém que nem todos os intérpretes estão prontos para lidar com elas”, desmistificando então a percepção de que uma omissão sempre vai desqualificar a interpretação, tornando-a menos clara. Contudo, o autor ressalta a complexidade do assunto, pois as omissões, nos estudos da tradução e interpretação, já foram consideradas um erro ou equívoco e recentemente uma estratégia linguística (BARBOSA, 2015).

Nesse sentido, com os novos estudos na área da interpretação novas definições foram empregadas ao estudo das omissões, uma delas sendo apresentada por Barbosa (2015, p. 282), com base na leitura de Napier (2002), entende que

A autora ainda apresenta duas definições de estratégia, as reativas e as proativas. Sendo que as reativas são as utilizadas pelo profissional sem planejamento prévio, ou seja, a demanda surge e a reação dele é uma omissão,

por exemplo; e as proativas com planejamento, ou seja, a demanda surge e ele planeja omitir uma informação para a interpretação ficar mais clara para o público alvo.

Sendo essas estratégias, reativas ou proativas, importantes para mostrar que as omissões podem fazer parte das escolhas dos/das intérpretes, tanto no sentido de garantia da clareza do produto final da interpretação, quanto planejada previamente, ou, ainda, uma solução para momentos complicados que nos deparamos durante uma interpretação simultânea. Todavia, a estratégia proativa verifica-se mais adequada uma vez planejada, atua no sentido da adequação sem haver perda relevante de informação na língua alvo.

Uma outra estratégia que pode ser utilizada pelos/as intérpretes é a antecipação, que consiste na estratégia de ao ver/ouvir determinadas combinações de palavras e adiantar as informações que virão posteriormente para que haja a melhor compreensão do conteúdo dito na língua alvo. Nessa lógica,

"Antecipar" significa "prever" algo que irá acontecer. Na interpretação, antecipar significa prever o que o orador vai dizer ou como irá concluir uma frase. Essa é uma estratégia bastante importante na interpretação simultânea, pois auxilia o intérprete a tornar seu texto-alvo mais fluente e evita possíveis hesitações. (HELLMUTH, 2017, p. 4).

Evitar possíveis hesitações é muito relevante na interpretação de línguas de sinais para o Português, pelo fato de se tratarem de duas línguas que possuem uma estrutura gramatical diferente. Em muitos momentos, por exemplo, a negação em uma sentença em Libras aparece no fim da frase, e a antecipação auxilia nessas ocasiões. Além disso, Hellmuth (2017) explica que a antecipação permite ao intérprete entender o texto de forma mais célere, ajudando-o dessa forma a produzir um enunciado de maneira mais natural - nesse caso, sem hesitações ou pausas -, bem como, tornando a compreensão do discurso e a produção da interpretação mais fácil.

Outras estratégias para processos de tradução e que, possivelmente, podem ser observadas em processos de interpretação estão relacionadas às modalidades de tradução propostas por Francis Henrik Aubert (1998). A partir da teoria de Aubert (1998), podemos considerar classificações que auxiliam os/as tradutores/intérpretes a terem conhecimento da motivação de suas escolhas e decisões tradutórias, assim podendo aperfeiçoar seus discursos.

Aubert apresenta um total de treze classificações, mostraremos abaixo uma tabela construída com cada modalidade apresentada por Aubert (1998) e sua descrição.

Tabela 1: Modalidades da tradução

Modalidades da tradução – Aubert (1998)	
Omissão	Quando um dado do texto fonte não consegue ser recuperado no texto meta.
Transcrição	São segmentos do discurso que pertencem ao léxico das duas línguas, segmentos da língua fonte que são “emprestados a língua meta ou quando não pertence a nenhuma delas, mas sim a outra língua que não está presente ao referido processo de tradução.
Empréstimo	É um segmento do discurso fonte reproduzido no discurso meta, como por exemplo, nomes próprios.
Decalque	Sendo uma expressão da língua fonte que foi submetida a adaptações para ser usada na mesma.
Tradução literal	Aquela que se resume em palavra-por-palavra.
Transposição	Quando ocorrem rearranjos morfossintáticos como uma palavra ser desdobrada em várias unidades lexicais.
Explicitação/Implicação	Momento em que informações implícitas no texto fonte tornam-se explícitas no texto meta, ou vice-versa.
Modulação	Ocorre sempre que um termo for traduzido de maneira em que o sentido é mantido, mas há mudança na ordem e estrutura da frase.
Adaptação	Uma assimilação cultural que mantém parcialmente o sentido.
Tradução intersemiótica	São selos, brasões, logomarcas que são sinalizados no texto meta.
Erro	Distorções do discurso na língua meta.
Correção	Quando o tradutor opta por corrigir no texto meta algo que estava errado no texto fonte.

Acréscimo	Sendo qualquer segmento atribuído ao discurso pelo tradutor.
-----------	--

Fonte: Elaborada pela autora – 2019.

Cabe destacar que o modelo proposto,

[...] não contém em si qualquer implicação específica sobre a natureza da linguagem e de cada língua, devendo ser entendido simples e diretamente como um entre vários modelos práticos para efetuar uma descrição comparada das estruturas de superfície entre um texto fonte e seu texto meta correspondente (AUBERT, 1998, p. 111).

Diante a tabela anterior, acreditamos que algumas dessas estratégias podem estar presentes em uma interpretação realizada da Libras para o Português. Além dessas modalidades propostas por Aubert e outras que citamos anteriormente podem ser úteis na interpretação simultânea. Destacamos:

- Adequação ao gênero do discurso: narrativo, persuasivo, explicativo, argumentativo, convencional e procedural (QUADROS, 2004).
- Entonação e prosódia: Representação das emoções na voz, ritmo de fala, clareza e boa produção sonora. (ALBRES, 2010).
- Antecipação: estratégia de ao ver/ouvir determinadas combinações de palavras adiantar as informações que virão posteriormente para que haja a melhor compreensão do conteúdo dito na língua alvo (HELMUTH, 2017).
- Omissão na perspectiva de Barbosa: Omissão de forma proativa (BARBOSA, 2015).
- Acréscimo na perspectiva de Mitch: Informação complementar, estratégia de organização e melhor desempenho (MITCH, 2011).

Dentre as estratégias já apresentadas, evidenciamos também as definições de antecipação, paráfrase e adição de Mitch (2011). Assim como Aubert (1998), o autor sublinha que as antecipações são úteis para a organização e controle do tempo do/da intérprete, fazendo parte das escolhas que o mesmo pode tomar.

Enfatizamos a paráfrase como uma estratégia, pois através dela é possível “[...] expressar uma fala, caso o intérprete não consiga encontrar o equivalente exato na língua de destino [...]” (MITCH, 2011, p. 33), sendo assim, uma solução para momentos em que não sabemos como transmitir a mensagem de uma língua para outra, utilizando da paráfrase para esclarecer, em outras palavras, o que foi dito.

Finalmente, apresentamos o conceito de adição, aqui compreendido como acréscimo (Aubert, 1998), pois ambas se referem ao ato de adicionar informações ao discurso dito para melhor compreensão na língua meta, essa estratégia “[...] permite ao intérprete comunicar plenamente o conteúdo para o seu público [...]” (MITCH, 2011, p.34).

Essas modalidades e estratégias descritas servem de balizadores para nossa análise. Assim, através desses pontos podemos observar se, durante uma interpretação simultânea, essas estratégias estariam sendo utilizadas como caminhos para realizar uma interpretação para o Português, como já comentado antes, mais naturalizadora a língua alvo.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

3.1. Descrição do contexto de pesquisa e da coleta de dados

Para realização de nossa pesquisa, optamos por uma abordagem qualitativa baseada em uma metodologia descritiva. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987). De modo que, descrevermos nossa proposta de estudo da seguinte forma: (I) contexto, (II) descrição, e (III) análise da interpretação.

O contexto é a primeira definição, optamos em realizar a coleta de dados durante a V Semana de Estudos de Tradução do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva 2019 - SET, iniciada na manhã do dia 23 de setembro de 2019 e concluída na tarde do dia 27 de setembro de 2019. O evento ocorreu na UFRGS, campus do Vale, mais especificamente no auditório do ILEA - Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados, que tem por finalidade desenvolver projetos, atividades e programas, nacionais e internacionais, que visam contribuir para o avanço acadêmico, científico, tecnológico e cultural³.

No evento citado, eu, autora deste trabalho, e meus colegas realizamos o estágio de interpretação de conferência, atividade obrigatória para conclusão do curso de Bacharelado em Letras. Optei por aproveitar esse momento de atuação, para captar os dados que contribuem com desenvolvimento desse estudo.

A interpretação realizada ocorreu dia 25 de setembro de 2019, no qual os dados para análise foram gerados. A interpretação foi da mesa-redonda intitulada “Tradução audiovisual acessível para surdos” composta por dois palestrantes ouvintes e uma palestrante surda. Possibilitando, assim, que ocorresse a interpretação simultânea da Libras para o Português.

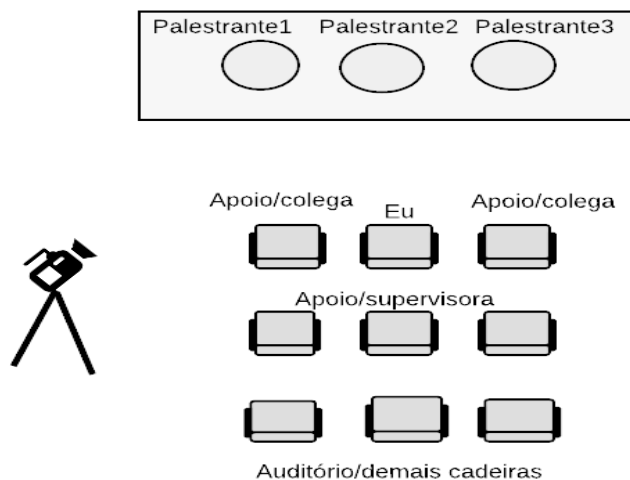
Nossa análise se concentra, em seu maior tempo, na interpretação realizada pela palestrante surda, pois já sabíamos que o discurso seria ministrado em Libras. Além disso é importante destacar que a escolha de tal situação se justifica pela impossibilidade do controle ou intervenção direta no ato interpretativo, situação que poderia ocorrer, caso palestrantes ouvintes, que ministram palestra em Libras, fossem observados, pois há maior possibilidade de monitoramento da interpretação. Os surdos também podem monitorar a interpretação, porém, de forma diferente que ocorrem com

³ Fonte: Site do ILEA - <https://www.ufrgs.br/ilea/index.php/sobre/>.

os ouvintes, podendo ser através da leitura labial, observação da reação do público referente a sua fala e feedback de intérpretes que estejam de apoio.

Para captar o ato interpretativo ocorreu a gravação através de uma câmera Sony modelo: nex-ea50 que ficou posicionada com direção aos membros da mesa e também captava o áudio da interpretação que eu estava realizando.

Tabela 2: Esquema para captação no ambiente



Fonte: Elaborada pela autora – 2019.

O total do tempo da interpretação analisada foi de 31 minutos e 48 segundos, gerada em dois arquivos de vídeo, os quais foram salvos “vídeo parte 1” e “vídeo parte 2”. Essa gravação foi necessária para que posteriormente tivéssemos acesso ao discurso original e a interpretação para o Português para fins de análise. Planejávamos observar também as expressões faciais e corporais durante minha interpretação, através de uma câmera posicionada a minha frente, focada em mim. Entretanto, devido a uma falha técnica no equipamento de gravação não conseguimos obter essa imagem, impossibilitando esta parte da análise.

A fala da palestrante foi sobre a campanha “Legenda para quem não ouve, mas se emocional!”, apresentando relatos da trajetória da mesma, sendo participante do movimento; como se deu início à campanha e quem foi seu idealizador; datas marcantes; conquistas e reflexões para o futuro. A palestrante foi informada que sua fala seria gravada para análise da interpretação nesse trabalho, e estava ciente que o foco do trabalho não seria sua produção do discurso, mas as estratégias realizadas na interpretação.

Considero importante comentar que recebi material para estudo e preparação com antecedência e também pude trocar e-mail com a palestrante. Esses fatores foram essenciais para que eu estivesse segura e confortável para realizar a interpretação. Houve tempo disponível para tirar dúvidas com os/as palestrantes, antes do início da conferência, e pude brevemente tirar dúvidas pontuais sobre o material recebido. Esses fatores contribuem para interpretação, e com base em Nogueira (2016), fazem parte da fase denominada como pré-conferência.

Para a realização da interpretação, eu contava com uma equipe, formada por mais dois alunos estagiários e uma intérprete, oriunda da instituição que atuou durante a semana, como supervisora das atividades realizadas. Desse modo uma equipe formada por quatro intérpretes. Para Nogueira (2016) acerca da discussão do trabalho de equipe em situações de interpretação simultânea, tal ato “[...] pode ser considerado uma estratégia da interpretação, um mecanismo para resolver problemas no processo de transferência de uma língua para a outra, ou até mesmo dificuldades de ordem psicofisiológicas” (NOGUEIRA, 2016, p. 86).

Utilizamos, nesta pesquisa, uma proposta de transcrição para observação dos dados em tabelas com fragmentos da interpretação. A maneira que escolhi para descrever a fala em Libras foi através de glosa, por perceber, com base na leitura de outros trabalhos de natureza semelhante, que muitas autoras e autores utilizam essa estratégia para fazer o mesmo. Entretanto, muitos parâmetros da Libras não conseguem ser descritos através da escrita/glosa, por isso em determinados momentos acrescento informações entre parênteses.

Buscarei primeiramente conceituar a estratégia citada, apresentar uma transcrição do texto dito em língua de sinais e posteriormente da interpretação realizada. Pretendemos também contextualizar o momento em que, no ato interpretativo, ocorreu o exemplo citado; além de refletir a respeito da estratégia ou elemento que desejamos destacar sobre determinado recorte. Sendo assim, como forma de visualização dos dados convencionamos a seguinte metodologia para transcrição:

- Fala em Libras – descritas em *itálico*;
- Interpretação para o Português - descritas em **negrito**;
- Datilologias em Libras: cada letra separada por hífen - P-A-L-A-V-R-A;
- Pausas e hesitações durante a fala são apresentadas através de colchetes - [...];

- Sinais que não possuem ou não encontrei um equivalente semelhante em Português apresento uma descrição do sinal dentro de parênteses.

Partiremos então para a análise desses dados coletados, buscando identificar estratégias citadas na literatura dos ET, EI e ETILS, mapeando as estratégias que surgiram na minha interpretação, bem como, discorrendo sobre fatores gerais a respeito da interpretação. Ressaltamos que apesar de termos abordado separadamente cada estratégia que julgamos importante conter nesta análise, a interpretação é uma tarefa fluída e viva, assim como as línguas, e por isso, em alguns momentos há mais de uma estratégia acionada em um mesmo fragmento, pois uma estratégia pode servir como suporte para outra, tornando-se, assim, híbrida.

Descreverei abaixo as estratégias que utilizamos antes do início da interpretação e durante a interpretação, focando especificamente nas estratégias que encontrei ao analisar minha interpretação.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. Mapeamento das estratégias interpretativas

A equipe se encontrou no local da palestra antes de iniciar o evento para dialogarmos sobre a organização que faríamos e também para conversar com os palestrantes. Logo que os palestrantes chegaram, nos apresentamos, conversamos sobre a palestra e tirei algumas dúvidas, como o sinal dela, nome de pessoas que ela citaria durante a fala, forma em que ela apresentaria a campanha “Legenda para quem não ouve, mas se emociona”, entre outros. Os colegas da equipe também conversaram com os outros palestrantes, pois combinamos que cada um faria a interpretação de cada palestrante, por todos terem escolhido palestrar em Libras, inclusive os dois palestrantes ouvintes, serem justamente três palestrantes e três intérpretes.

A intérprete da instituição, que nos acompanhou, desempenhou um importantíssimo papel de apoio profissional, tanto para mim quanto para os colegas, atentando às falas e fornecendo apoios precisos e curtos, cuidando para não interferir ou atrapalhar no raciocínio organizado durante a interpretação.

Talvez a equipe de intérpretes seja a primeira estratégia que podemos registrar. Uma vez que, “O trabalho em equipe refere-se a situações em que dois ou mais intérpretes estão trabalhando juntos com o objetivo de realizar uma interpretação, no qual um intérprete apoia o outro” (SILVA, 2013, p. 78 apud NOGUEIRA, 2016, p. 86), sendo essa uma estratégia importante para contextos de interpretação simultânea em conferências, devido a densidade lexical, de conteúdo e tempo de duração.

Abaixo descreveremos as estratégias observadas ao analisar os materiais de registro da interpretação, começaremos com os acréscimos.

4.2. Acréscimos

Conforme mencionado anteriormente, o acréscimo é qualquer segmento atribuído ao discurso pelo intérprete (Aubert, 1998). Esse tipo de estratégia serve para que consigamos transmitir ao máximo o conteúdo para o público receptor da interpretação com informações complementares e, conforme Mitch (2011, p.34) “[...] permite ao intérprete gerenciar melhor o seu desempenho e seu tempo também”. O fragmento abaixo demonstra a ocorrência dessa estratégia.

Fragmento 1. 0’04’’ - vídeo parte 1
Libras: “ <i>Bom dia (duas mãos em configuração de positivo)</i> ”
Português: “ Bom dia então pessoal ”

No exemplo acima, nós, da equipe de intérpretes, estávamos posicionados a frente da mesa de palestrantes, iniciamos a interpretação simultânea. Logo na abertura da mesa o professor mediador realiza um cumprimento e podemos perceber um acréscimo feito por mim com o intuito de adequar a fala ao gênero e manter algo que normalmente acontece em mesas redondas: cumprimentos informais e chamada de atenção do público. Esse é um exemplo de acréscimo, pois não foi realizado um sinal diretamente equivalente para pessoa em Libras.

Fragmento 2. 1’32’’ - vídeo parte 1
Libras: “ <i>Bom dia (duas mãos em configuração de positivo)</i> ”
Português: “ Então bom dia gente ”

Quando a convidada surda iniciou sua fala, realizei um acréscimo, aqui diferente do exemplo anterior em que agora usei a expressão “gente”. Compreendo a função desse acréscimo, porém, ao analisar o contexto de uso, considerando o ambiente formal em que estávamos, a expressão “gente” não foi a melhor escolha. Acredito que há uma coloquialidade nessa expressão. Esse momento me faz também refletir que nem sempre os acréscimos são positivos, ou contemplam a função de forma esperada, durante a interpretação, e o intérprete deve ficar atento para tais questões.

Esses dois primeiros fragmentos estão baseados na perspectiva de Aubert (1998), que considera qualquer sentença que não esteja presente na língua fonte como acréscimo. Entretanto, pensamos que acréscimos como esses são comuns na direção da interpretação do Português para a Libras, pois são línguas de modalidades diferentes que não possuem equivalência exata de termos e expressões, sendo assim, refletimos que “as mãos em configuração de positivo” elemento que ocorreu nas duas falas, podem ter sido interpretadas pelos termos “pessoal” e “gente”.

Em outro momento, a palestrante cita pessoas ensurdecidas, utilizando o sinal específico, porém, eu acrescento que “ensurdecidos, pessoas que perdem a audição com o tempo”. Destacamos este acréscimo como algo que contribuiu de maneira positiva na interpretação, pois o conceito de ensurdecido não é comumente conhecido por ouvintes que não participam da comunidade surda. A utilização dessa estratégia corrobora com o que diz Mitch (2011, p. 34), já que “a estratégia das adições explicatórias consiste na expansão do léxico ou do conteúdo para esclarecer o significado para o ouvinte”. Pensando no público, majoritariamente de estudantes de Letras e professores, muitos não têm o conhecimento sobre esse campo, assim, um acréscimo, como esse, busca contextualizar e explicar com informações complementares o que o termo que dizer.

Em relação a discussão acerca dos acréscimos, em determinado momento a palestrante explicou sobre o uso de legenda em peças teatrais, a mesma apresentou imagens, com fotografias em seus slides, que exemplificam duas maneiras de disposição da legenda. Para isso, a palestrante aponta primeiro para uma imagem, e depois para outra, questionando qual das duas o público considerava a melhor opção. Na interpretação, optei por acrescentar a informação de que a “primeira imagem (apontada pela palestrante) possuía o painel eletrônico de legendas na parte inferior do palco, e a segunda possuía um telão lateral para projeção das legendas”. Esse acréscimo auxiliou o público a identificar e entender os processos de legendas, a informação visual apareceu no texto falado em Português como um acréscimo. Esse é um elemento da modalidade, visto que o apontamento em Libras deu conta de dizer de qual imagem ela estava falando, no entanto, apenas para quem está ouvindo, contextualizar a imagem contribuía para a identificação de quais imagens eram mencionadas e em qual momento.

De acordo com Aubert (1998, p. 109), “Acréscimos podem ocorrer em várias circunstâncias distintas, por exemplo na forma de comentários velados ou explícitos do tradutor, quando fatos que tenham ocorrido após a produção do texto fonte justifiquem a elucidação”, fator que aconteceu nesse caso, pois mesmo com a ocorrência de comentário velado, complementando a informação visual que estava presente no momento, não obstante, cumpriu a tarefa de esclarecimento. O autor adverte que casos de acréscimos podem ser confundidos com explicitações e transposições, sendo a diferenciação do acréscimo o fato de ser realizado pela própria decisão do tradutor, no caso de Aubert (1998), e do intérprete no presente caso, sem incentivo do discurso na língua fonte.

Diante dos fragmentos encontrados, percebe-se que o acréscimo é uma estratégia que pode ser utilizada durante a interpretação. Nesse sentido, em alguns momentos ela cumpre a função de contextualizar e adaptar ao gênero e ao espaço em que o discurso está sendo proferido. Também, ela pode servir de informação complementar para o público, quando o intérprete identifica que necessita de um acréscimo para explicar ao seu público o que se trata a informação dita na língua fonte. O acréscimo pode também não cumprir seu papel, e ser considerado desnecessário dependendo da situação em que é utilizado, isso demonstra que devemos ficar atentos durante a interpretação ao uso dessa estratégia.

4.3. Explicação/Implicação

A modalidade de explicação/implicação, apresentada pelo Aubert (1998), consiste em fazer que informações implícitas no texto fonte se tornem explícitas no texto alvo ou informações explícitas no texto fonte se tornem implícitas no texto alvo. Assim, podemos observar o seguinte fragmento, em que identificamos a ocorrência da estratégia de explicação/implicação.

Fragmento 4. 0'50" - vídeo parte 1
Libras: “[...] <i>ter ver/visões (lado esquerdo) ver (lado direito) complementar.</i> ”
Português: “Porque são visões diferentes que vão estar complementando aqui a nossa discussão, né.”

O fato dos convidados apresentarem visões diferentes, e por isso, complementarem a discussão no dia da palestra já estava implícito na sentença dita em Libras, devido a marcação e uso do espaço na língua de sinais, mas, em Português foi preciso explicitar para tornar a fala mais contextualizada.

Em um outro momento, logo no início das palestras, nos parece que um elemento cultural distinto em ambas as línguas faz com que o intérprete necessite realizar uma explicação na língua alvo. Esse elemento cultural trata-se do momento em que o mediador, após introduzir brevemente o assunto da mesa, apresenta os convidados e usa os sinais de identificação pessoal de cada um dos palestrantes. Optamos por não incluir no recorte do fragmento, para manter a discrição e anonimato dos participantes.

Na cultura surda é comum que as pessoas tenham sinais pessoais para sua identificação, porém, em Português optei em interpretar nome e sobrenome de ambos. Compreendendo que em uma situação formal de interpretação, uma palestra, julga-se que o uso dessa estratégia de explicitação está relacionado ao contexto.

Abaixo vemos outro exemplo de explicitação:

Fragmento 5. 14'18" - vídeo parte 1
Libras: <i>“Igual falta perguntar nós povo o que e como nós querer, detalhes [...]”</i>
Português: “Parece que faltou um questionamento a nós surdos, as pessoas receptoras desse produto, a nossa opinião também [...]”

Ao sinalizar “perguntar” com o direcionamento do verbo para si, denotando aos surdos e a comunidade surda, a palestrante já concluiu seu pensamento de forma clara, porém em Português houve a necessidade de enunciar a frase de forma mais longa, além de explicitar a quem era esse povo, para tornar claro que se tratava da opinião dos surdos sobre a temática das legendas.

No fragmento abaixo não foi utilizada a técnica de explicitação, mas concluímos que a mesma produziria resultados interessantes.

Fragmento 6. 11'17" - vídeo parte 1
Libras: <i>“Não 100% confirmado, Marcelo fazer o que? Processo M-P[...]”</i>
Português: “Não é algo efetivo, daí então o Marcelo pensou em criar processos contra o MP [...]”

Neste exemplo, a palestrante se referia ao ministério público, e interpretei a sigla MP, sigla que não costumamos ouvir no Português. Neste caso, caberia o uso da estratégia de explicitação, para que utilizasse o equivalente mais acordante em Português e explicitar que MP, em Libras, é Ministério Público em Português. Nesse fragmento, registramos, em nossa análise, a ausência da estratégia e observamos a necessidade de tê-la utilizado.

Refletindo sobre esses casos, podemos dizer que a explicitação faz parte das estratégias da interpretação simultânea, para explicar e contextualizar assuntos na língua

alvo. Também está associada a uma interpretação cultural, em que se explicita para chegar mais perto da cultura do público que recebeu a interpretação. Não identificamos casos de implicação, mas isso não impede que o mesmo ocorra em interpretações simultâneas e que não possa contribuir para a mesma. Discorreremos em seguida sobre outra estratégia na interpretação simultânea analisada, a modulação e transposição.

4.4. Modulação e transposição

Na modulação o sentido da frase é mantido, mas a estrutura gramatical é modificada, em outras palavras, acontece “sempre que um determinado segmento textual for traduzido de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no co-texto específico” (Aubert, 1998, p. 108). A modulação pode ser positiva, agregando mais sentido na língua em que é produzida, mas, às vezes, o excesso de informação e rearranjos gramaticais podem interferir de forma negativa. Conforme mencionado, destacamos o seguinte fragmento.

Fragmento 7. 2'49" - vídeo parte 1
Libras: “ <i>Mas passado legenda nada</i> ”
Português: “ mas antigamente, como isso acontecia? Não havia legendas ”

Nesse momento, identificamos que uma afirmação negativa na língua de sinais foi modulada para uma interrogação, seguida da fala, em negativo, no Português. Fazer esse questionamento no início da frase serviu como uma maneira de chamar a atenção do público ao conteúdo que viria a seguir. Tive dificuldade para saber identificar esse tipo de estratégia, pois a mesma pode ser confundida com transposição por deslocar palavras, mas manter o mesmo sentido na língua alvo e até mesmo com explicitação, pois ambos dão uma impressão de nova informação no discurso. A modulação, ao nosso ver requer grande conhecimento linguístico e domínio das línguas, para que assim a/o intérprete não siga de maneira literal, no sentido de deslocar e adequar a estrutura semântica, sem perder o sentido. Para fins de diferenciação, apresentaremos o conceito de transposição e o fragmento que demonstra sua ocorrência.

Segundo Aubert (1998), transpor, na tradução, consiste em não manter uma tradução literal, ocorrendo rearranjos morfossintáticos. Essa estratégia pode ser

identificada quando uma palavra na língua fonte transpõe-se em duas na língua alvo, ou quando duas palavras se transformam em uma na língua alvo.

Fragmento 8. 8'50" - vídeo parte 1
Libras: <i>“Resumo campanha objetivo o que? É igual movimento obrigar colocar/inserir legendas.”</i>
Português: “Resumindo um pouco né, o objetivo do movimento seria de luta e conquista da legenda né, para tornar isso obrigatório.”

No excerto em destaque, o termo “campanha” dito inicialmente, tornou-se “movimento” em Português. E o léxico “movimento”, proferido em Libras, transpõe-se para “luta e conquista” na interpretação. Essa transposição de uma palavra, por duas, serviu para que os segmentos não mantivessem uma estrutura literal (AUBERT, 1998). Além desse motivo, acredito que conscientemente transpus para “suavizar” a ideia de obrigatoriedade, já que em Libras a palestrante foi bem direta dizendo que o movimento buscava obrigar a inserção de legendas, o que é comum em Libras, mas em Português a transposição auxiliou para causar menos impacto e agressividade na fala, porém o sentido é mantido, e a obrigatoriedade depois aparece. Como já mencionado, tal estratégia foi complexa para definir e encontrar, pois seu conceito se assemelha com o de modulação.

A respeito dessas duas estratégias, a consideramos necessárias quando pensando na interpretação. É esperado que a modulação e a transposição sempre ocorram quando se trata da interpretação, pois envolve línguas distintas, com gramáticas e aspectos específicos.

4.5. Omissão e retomadas

Segundo Aubert (1998), a omissão acontece quando um dado texto fonte não consegue ser recuperado no texto meta. Omissões tendem a acontecer quando o ritmo da fala do/da orador/a está rápido, impossibilitando o acompanhamento de informações pela intérprete, em momentos de desentendimento do conceito e termo usado na língua fonte, ou, até mesmo, quando não encontramos equivalentes linguísticos na língua alvo.

Fragmento 9. 1'14" - vídeo parte 1
Libras: “[...] <i>proposta nova discussão área tradução audiovisual ligada/relacionada língua de sinais[...] também meu interessante</i> ”
Português: “[...] uma nova proposta de discussão, pra vocês, sobre a tradução audiovisual, né [...] e é bem interessante ”

Nesse caso de omissão, podemos perceber que, por eu estar insegura, sem saber se tinha realmente entendido a sentença em Libras, acabei por omitir algo que era bem importante no discurso e que eu havia entendido (a relação do audiovisual e de língua de sinais).

Barbosa (2015), ao refletir sobre as omissões na interpretação – assim como Aubert (1998) estudou o conceito –, compreende que a omissão já foi reconhecida como um erro e como estratégia, contendo diversos estudos no campo da interpretação que suportam a ideia da omissão como estratégia. Optamos, então, por considerar a omissão como parte da interpretação e como algo que pode acontecer de maneira consciente e estratégica. Conforme o fragmento, abaixo:

Fragmento 10. 2'15" - vídeo parte 1
Libras: “ <i>Eu contar um pouco história como começou, mas antes (aponta para o telão) história trajeto eu contar o que? Eu sou surda [...]</i> ”
Português: “ Eu vou contar um pouquinho sobre essa trajetória, o começo dessa campanha, né [...]e eu sou surda, né [...] ”

Percebe-se que houve uma lacuna de tempo em função da estratégia de omissão, tornando desconexa a sentença, entretanto, ao analisar o vídeo percebo que o fato ocorre devido ao fluxo da sinalização estar rápida, e por isso omiti a informação sobre a palestrante. Provavelmente não foi a melhor escolha, foi a maneira que encontrei para fazer uma pausa e respirar durante a interpretação, para retomar o fôlego e continuar.

Fragmento 11. 7'40" - vídeo parte 1
Libras: “ <i>Atores surdos e ouvintes misturados usando língua de sinais[...]</i> ”
Português: “ Os atores surdos participando usando a Libras no festival[...] ”

Neste outro fragmento de omissão, podemos notar que caso a informação fosse interpretada, a sentença em Português faria mais sentido. Tal omissão aconteceu pelo ritmo da sinalização da palestrante estar rápido e a informação não ser percebida por mim em um primeiro momento.

Nessa lógica, toma força a ideia da omissão, não como um erro, mas como uma estratégia para manter a interpretação fluída e em um ritmo de fala compreensível. Em alguns momentos, por razão da rápida sinalização, não conseguimos acompanhar o discurso na interpretação e omitir torna-se uma opção. No entanto, é preciso atentar para que a omissão não comprometa a compreensão do discurso.

Em alguns momentos, durante a análise, percebe-se o que vamos chamar de retomadas. Era esperada uma omissão, porém, posteriormente a informação era contextualizada, desclassificando a possibilidade da estratégia de omissão. Vejamos a ocorrência a seguir.

Fragmento 13. 4'27" - vídeo parte 2
Libras: <i>“Ano passado ter grupo 2 cegos ir participar lá (apontamento para referencial do festival em gramado)”</i>
Português: “Teve um grupo de cegos que foi, participou do evento, bem legal, o ano passado isso, né”

A palestrante comentou o acontecido no “ano passado”, mas apenas no fim da frase eu transmite essa informação em Português. Nesse momento, a retomada recupera uma informação dita anteriormente, no sentido de complementação de um enunciado anterior. Abaixo há outro exemplo dessa ocorrência.

Fragmento 14. 9'20" - vídeo parte 1
Libras: <i>“[...] também não é só, mas principalmente legenda filmes brasileiros filme brasil (apontamento) cinema lugar. Nós vamos cinema, quando filme é brasileiro não tem legenda! Essa é reclamação.”</i>
Português: “A gente também pensa que a legenda para o filme em si é importante, mas também filmes nacionais, isso é essencial que exista[...] no cinema né. Porque às vezes a gente vai no cinema, um filme nacional e não tem legenda! Qual o acesso que o surdo tem sobre isso, essa é uma reclamação forte da comunidade.”

Neste recorte, a mensagem foi corretamente transmitida, no entanto, por um momento quase perdi uma informação importante – a saber, o cinema como local principal para legendas – o que ocasionaria uma omissão. Entretanto, destacamos o papel da intérprete de apoio, pois a mesma, ao perceber o corrido, rapidamente me comunicou que se tratava do cinema. Identificamos este apoio durante a análise do áudio e o destacamos já que foi essencial no momento apresentado acima. Essa foi uma técnica que não mapeamos durante nossas pesquisas, porém, identificamos sua recorrência, a consideramos importante durante o processo de interpretação, pois retomando informações deixamos de cometer omissões, que podem comprometer a compreensão dos enunciados.

4.6. Adequação ao Gênero do discurso

Conhecer os gêneros do discurso é essencial ao profissional intérprete de Libras-Português. Durante o exercício da interpretação podemos adentrar diversos ambientes, e consequentemente diversas exigências nas formas de expressão. Sabendo que os surdos e surdas ocupam cada vez mais novos espaços e direito de fala, nós intérpretes precisamos estudar e apropriar nossa interpretação para variados ambientes.

Por se tratar de uma palestra, o discurso estava sendo sinalizado formalmente e em alguns momentos com falas descontraídas por ser uma mesa redonda. Quadros (2004) já dizia sobre a importância do/da TILSP dominar tanto a língua do discurso fonte quando do alvo. Pensando nisso, destacamos alguns fragmentos que ilustram essas ocorrências.

Como escolha, durante minha interpretação, mantive o sentido, mas busquei que a interpretação permanecesse em uma discursivamente formal e coerente com o ambiente. No fragmento abaixo percebemos tal opção:

Fragmento 15. 0'26'' - vídeo parte 1
Libras: “[...]Porque fora (sinal com mão espalmada na locação em frente ao peito em movimento circular) M-E-R-C-A-D-O trabalho área igual precisa profissional[...]”
Português: “[...] Porque o mercado de trabalho é carente de profissionais[...]”

Neste fragmento optei por utilizar o termo “carente”, em Português, escolha que parece funcionar por se tratar de uma palestra, sendo um ambiente não tão informal. A baixo descreverei mais um caso de adequação que julgamos ter sido positivo.

Vale mencionar que vemos, constantemente, o uso de um sinal, que pode ser um equivalente da palavra “piada” em Português, para denotar humor ou ironia. Em Português não costumamos dizer o mesmo. Ao falar sobre a força que a LBI atribui ao movimento pela luta das legendas, de maneira mais efetiva do que a própria constituição, a palestrante sinaliza, no fim da frase o sinal “piada”, com interesse em ironizar o fato. Para causar o mesmo efeito em Português, adequando a fala ao gênero discursivo, optei por dizer “chega a ser engraçado, né” de forma irônica, mantendo a prosódia que a palestrante desejava produzir.

Em outro momento, observamos uma não adequação do discurso com o equivalente linguístico escolhido. Ao falar sobre a dificuldade visual causada nos surdos pela aparição de somente um intérprete durante um filme inteiro, mesmo que haja vários personagens em cena, a palestrante sinaliza algo que pode ser interpretado de várias formas em Português, como: agradável, satisfatório, eficiente, atraente e gostoso/a. O termo “Gostoso” é usado comumente relacionado a alimentação, sendo um equivalente mais direto para o sinal usado pela palestrante no dado momento. Porém, para o contexto em que estávamos, julgo que o termo “gostoso” não foi a escolha mais condizente em Português, pois acaba por caracterizar certa informalidade indesejada.

Acredito que o estudo prévio do material, contribuiu para refletir anteriormente sobre o gênero do discurso, nesse caso uma conferência. Tal prática colaborou para que eu pudesse perceber e me adiantar, impedindo que fatores ligados ao nervosismo ou a hesitação prejudicassem a realização da interpretação.

A adequação ao gênero também é uma exigência do público que ouve, que espera que a interpretação transmita um discurso coerente com uma palestra. Logo, percebo que preparação do intérprete e conhecimento das diversas maneiras de se expressar é importante durante uma interpretação simultânea e esse tópico estaria ligado a estratégia que nomeamos como entonação e prosódia.

4.7. Entonação/prosódia

Neste tópico discutiremos a entonação e a prosódia como pontos relevantes na interpretação especificamente no caso em que estamos analisando. Conforme diz Albres (2010), a entonação trata da impoção vocal, sua intensidade e relação aos sentimentos e objetivos desejados pelo falante na língua fonte para língua alvo, e a prosódia “está no âmbito da sentença e revela, entre outras questões, o que enfatizamos para nosso interlocutor” (ALBRES, 2010, p. 301). Por isso, são aspectos consideráveis ao tematizar a interpretação para o Português oral. Como exemplo apresentamos esse recorte:

Fragmento 16. 3’20’’ - vídeo parte 1
Libras: “ <i>Engraçado porque tinha tela C-E-N-A sem roupa (topicalização nos dedos) beijo na boca (topicalização) sexo [...] crianças fazer o que? Tapar os olhos (incorporação da criança) depois interpretar (sorrindo)</i> ”
Português: “ É bem engraçado porque [...] tinham cenas de nudez, por exemplo né, cenas de beijo, enfim, questões assim de sexo e o que as crianças faziam? ”

<i>Tapavam os olhos e ai depois tinha que interpretar”</i>

Nesse caso, observamos que optei por não incorporar o personagem em Português, como a palestrante fez em Libras. A palestrante, de forma descontraída, riu e encenou durante o relato descrito acima, e minha interpretação foi séria, sem uma entonação alegre e sem passar um ritmo de fala que deixasse claro que se tratava de um relato bem-humorado, que a autora fazia. No Fragmento 17, apresentado logo em seguida, percebemos que o oposto aconteceu, optei por tornar a frase em Português mais interativa, fazendo um questionamento e depois respondendo.

Fragmento 17. 5’35” - vídeo parte 1
--

Libras: <i>“Ir gramado por que? Porque ter festival cinema”</i>

Português: “Os dois foram a gramado, mas a gente pensa, bom por que gramado? Porque lá que existe o festival de cinema”
--

Segundo Albres (2010, p. 304), a interpretação “não se trata de mera reprodução das ideias do emissor [...]”, é preciso que cuidemos a articulação das palavras para manter a intenção e a intensidade que o emissor deseja alcançar. Concluímos através desses dois exemplos, que as escolhas da intérprete, referente a impositação vocal, podem influenciar de maneira positiva ou não sobre o discurso. Ainda há a necessidade de mais estudos e principalmente treinamentos para os/as TILSP, pensando em cuidados e exercícios com a voz dos mesmos.

4.8. Erro de compreensão/produção

Erros são muitas vezes inevitáveis durante uma tarefa tão complexa como a interpretação. Apontaremos neste tópico alguns dos erros que mapeei durante a presente análise, com o intuito de refletir sobre esses erros e maneiras de resolvê-los.

Para isso, segmentei em dois tipos de erros: (I) erro de compreensão, quando não entendemos o sentido da sentença dita na língua fonte e (II) erro de produção, quando ocorre o equívoco e mesmo compreendendo o sentido, produzimos de maneira incorreta na língua meta.

Fragmento 18. 1’5’’ - vídeo parte 1
Libras: “[...] <i>mostrar processo criação tradução audiovisual.</i> ”
Português: “[...] mostrar uma visão de um criador né, de uma pessoa que trabalha com a audiodescrição. ”

No excerto acima, tratava-se do momento de apresentação dos participantes da mesa, podemos destacar dois elementos que aconteceram na interpretação: um erro terminológico, quando o termo “Audiovisual” é interpretado como “Audiodescrição” e, a opção de tornar pessoal e acrescentar o sujeito – criador, uma pessoa – na fala em que em Libras, tinha centralizado o processo de criação.

O primeiro fator se caracteriza por um erro de produção, que interfere no entendimento dos receptores por se tratar de uma informação errada, já o segundo fator, mesmo que possa ter acontecido de forma inconsciente, acredito ter auxiliado na coerência do discurso, pois antes a figura foi apresentada por outra convidada como “visão de recepção da interpretação” mantendo os dois como sujeitos nas frases.

Fragmento 19. 1’45’’ - vídeo parte 1
Libras: “ <i>Eu vir aqui porque sou querida, substituir (sinal Carilissa) C-A-R-I-L-I-S-S-A</i> ”
Português: “ E [...] eu vim aqui para substituir uma colega muito querida, Carilissa ”

Neste trecho, destacamos um erro de compreensão da minha parte, que ocasionou uma mensagem distorcida na língua alvo, o Português. Outra questão importante, é a hesitação em iniciar a frase, algo que ficou bem perceptível pela insegurança na voz, já que a impoção vocal não acompanhou a fala da palestrante.

Outro erro de compreensão que identificamos, foi no momento em que a palestrante se referiu a uma empresa – escrito na projeção de sua apresentação – “Soluções em acessibilidade”, e para isso ela optou por dar uma dica labial reproduzindo completamente a palavra “soluções”. Por não prestar atenção na projeção que estava ao meu lado, nem na movimentação labial da palestrante, disse erroneamente: “Uma empresa que resolveu pensar na acessibilidade”. Uma vez que a empresa não era o tema central da frase, esse erro não comprometeu a mensagem

transmitida. De maneira semelhante, novamente a palestrante movimentava os lábios para se referir a uma cidade, que seria “Pernambuco”, no entanto, pelo fato dos sinais para o estado e a capital serem próximos, interpretei “Recife”. Esse erro poderia ser evitado caso tivesse percebido a produção oral da palestrante.

Fragmento 20. 6’45’’ - vídeo parte 1
Libras: <i>“Mas próprio surdos grupo fazer filme curta metragem assunto (olha para o PPT) educação: “inclusão, educação ideal? ”. Filme curta junto alunos surdos escola[...]</i> ”
Português: “Os surdos tiveram mais acesso a curtas, tem até inclusive um curta sobre educação inclusiva, questionando se isso seria certo ou não. E curtas com alunos surdos participantes de escolas[...] ”

A não compreensão da mensagem dita em Libras é grande influenciadora para que ocorram erros na interpretação, conforme verifica-se na presente análise, pois, o sentido em Português ficou bem distante do real significado.

Destacamos que, muitas vezes, ao não entender uma palavra, ou sentença, na língua fonte, o intérprete pode acabar por omitir informações e causar um erro na interpretação, assim como aconteceu neste momento:

Fragmento 12. .0 ’36’’ - vídeo parte 2
Libras: <i>“Legenda também dentro central atendimento surdos. Central o que? Central é intérprete tradutor, por exemplo, eu ligar telefone não posso, contato central telefone eles mandar mensagens (digitar)[...]</i> ”
Português: “Também essa questão da legendagem, pode estar dando acesso a surdos, e deixar ele no centro, por exemplo, eu surda não posso telefonar pra alguém, mandar um áudio, aí tendo essa [...] tendo uma central, por exemplo, isso tornaria mais acessível essa questão da comunicação né[...] ”

Neste fragmento identificamos um erro de compreensão, no momento em que entendi que os surdos estariam no centro, e não que se tratam de centrais de atendimento para surdos. Ao perceber isso, a intérprete que estava me apoiando transmitiu a informação e logo em seguida a acrescentei, corrigindo. Tal ação, demonstra a importância do trabalho em equipe, como estratégia que pode evitar equívocos.

Por último, destaco um erro de produção, uma vez que a palestrante citou a “LBI – Lei brasileira de inclusão”, e eu, quando a mesma retoma a fala sobre a lei, interpreto “LDB”. No entanto, ao perceber, rapidamente, peço desculpa e corrijo. Ressalto que no momento da interpretação simultânea, o/a intérprete pode corrigir, essa estratégia é uma possibilidade ao identificar um equívoco.

4.9. Antecipação

Segundo Hellmuth (2017, p.4) antecipar, no contexto da interpretação, “significa prever o que o orador vai dizer ou como irá concluir uma frase”. Resolvemos considerar a antecipação nesta análise por ter recebido com antecedência o material, slides, que a palestrante usaria durante sua fala, e devido a tal acesso, refletimos sobre a possibilidade de antecipação, caso lembrasse do conteúdo do material. Essa foi uma suposição nossa, com base na experiência como intérprete, por reconhecer a estratégia de antecipação na prática profissional, bem como, devido à literatura da área da interpretação simultânea que apresenta esse conceito como uma estratégia.

Nos momentos iniciais de sua fala, a palestrante citou o criador da campanha “Legenda para quem não ouve, mas se emociona”, como havia recebido anteriormente os slides da apresentação e saber o nome do criador, antecipei essa informação, e logo em seguida ela fez a datilologia do seu nome. Sendo assim, mesmo que apenas nesse caso específico, sem frequência, notamos a antecipação devido ao fato de haver contato prévio com o material da apresentação. Consideramos essencial que as/os intérpretes recebam matérias para a preparação da interpretação, pois assim são beneficiados tanto previamente à realização do trabalho, através de pesquisas terminológicas e com objetivo de resolução de dúvidas, quanto durante esse processo por meio da antecipação.

Fragmento 21. 1’15” - vídeo parte 1
Libras: “ <i>Também o quê? Querer (inicia uma configuração de um sinal que não é perceptível) mostrar[...]</i> ”
Português: “ Também eu vo tá mostrando[...] ”

Acima destacamos o recorte de um momento inicial da mesa redonda, em que houve antecipação. O mediador ainda não havia concluído a frase e eu disse

“mostrando”, e depois disso, ele sinalizou “mostrar”. Não sabemos se realmente seria usado este sinal no discurso fonte, ou se o mediador foi induzido pela escolha da intérprete. Além disso, observamos que neste momento não mantive o discurso em Português coloquial, utilizando as expressões “vo” e “tá”, o que não é esperado em uma palestra. A minha impoção vocal foi hesitante, pois não estava conseguindo compreender a sentença em Libras, o que me deixou insegura e refletiu na voz, porém não prejudicou minha produção nem o sentido da sentença.

Por mais que essa estratégia tenha ocorrido menos do que o esperado por mim, pode-se perceber que me auxiliou a ganhar tempo e que pode acontecer inconscientemente. Uma vez que se tratam de palestrantes diferentes em cada um dos dois exemplos, um ouvinte e outra surda, houve diferenças na estratégia de antecipação. No segundo fragmento mostrado, acredito ter influenciado a escolha terminológica do palestrante com a antecipação, e no primeiro fragmento organizei melhor a minha sentença devido ao ganho de tempo.

Nessa perspectiva, vale mencionar que, a antecipação é uma atividade complexa e devemos tomar cuidado ao fazê-la durante a interpretação, pois com ela pode-se perder completamente o sentido de uma mensagem dita pelo emissor, ou como nos casos citados, auxiliar nesse processo.

4.10. Interpretação literal ou transliteração

Pensando na interpretação literal, ou transliteração, compreendida como o ato de manter as escolhas e a ordem sintática da frase de maneira igual ou muito semelhante ao discurso proferido na língua alvo, ou seja, aquilo que comumente chamamos de tradução/interpretação palavra-por-palavra (AUBERT, 1998, p. 106), ou nesse caso, sinal-por-palavra. De forma equivalente, utilizamos o conceito de transliterar, que se trata do intérprete “[...] produzir os sinais da língua de sinais mantendo a estrutura gramatical da língua oral” (LOURENÇO, 2018, p. 7) ou como no caso do presente trabalho, produzir as palavras na língua oral conforme a estrutura da língua sinalizada.

Fragmento 22. 3’8” - vídeo parte 1
Libras: “CODA, o que? É filho mãe pai surdo”
Português: “O que que seriam essas crianças, né? São crianças que são ouvintes

filhas de pais surdos”

Neste recorte percebemos que a interpretação, inicialmente, foi feita de maneira mais literal, mantendo a topicalização – que é habitual em Libras – em forma de pergunta no Português, mas de maneira que soou estranha, pois não costumamos utilizar o “o que” em Português. Em seguida, opto por acrescentar que os CODAS, são filhos “ouvintes”, de mãe e pai surdos. Vejamos o recorte de outro fragmento:

Fragmento 23. 6’4” - vídeo parte 1

Libras: <i>“Carilissa assumir igual comprometer um ano em um ano (a cada ano) participar evento lá (apontamento, referenciando o festival de cinema em gramado).”</i>

Português: “A Carilissa assumiu igual né, participou efetivamente da campanha como representante e participou lá [...]”
--

No exemplo em destaque acima, identificamos três aspectos importantes da interpretação: interpretação literal ou transliteração, omissão e falha na entonação vocal. O uso em Libras do equivalente em Português para “igual” é comum, pois costuma significar que algo vai ser exemplificado ou que um sinônimo será dito, porém, em Português não costumamos fazer isso, normalmente dizemos “por exemplo”, “como” ou “e”, desta maneira, percebemos certo estranhamento no início da frase, quando eu interpretei “assumiu igual participou”.

Tanto a informação de se “comprometer” quanto a da participação “de ano em ano” no festival não apareceram na língua alvo. E por último, é notório o nervosismo na minha interpretação porque não consegui empostar a voz de maneira natural, acabei por hesitar na escolha das palavras, dizendo “né” e “lá”, e transparecendo isso na voz. Além desses fatores, a fala em Português se tornou extremamente redundante, apresentando o verbo “participar” duas vezes.

Em vários momentos da presente análise podemos perceber que a interpretação se manteve literal, utilizando de equivalentes bem precisos em Português, na mesma estrutura gramatical da produção na língua alvo. São as ocorrências, como no fragmento:

Fragmento 24. 9'2" - vídeo parte 1
Libras: “[...] desenvolvimento perceber TV aberta ter opção controle legenda, mas não ainda não completo[...]
Português: “A gente percebeu esse desenvolvimento alguns canais têm como opção a legenda, mas não é algo muito completo[...] ”

Percebe-se que as estruturas das sentenças são bem próximas. Durante a interpretação busquei equivalentes mais próximos ou aquela primeira palavra que me vem à mente. Talvez seja necessário criar maior repertório para que a estratégia de interpretação literal não seja recorrente durante a interpretação.

4.11. Outras questões observadas

Outro elemento perceptível se relaciona à datilologia, pois, na maioria das ocorrências, houve a compreensão e interpretação correta dos termos, como por exemplo de datilologias: “Marcelo”; “Carilissa”; “lazer” e “cena”. O único momento em que a datilologia não foi compreendida foi quando a palestrante se referia ao recurso da estenotipia. Por não conhecer o conceito de estenotipia, não entendi a datilologia na primeira vez, pedi para a palestrante repetir, e na segunda vez em que ela produziu a datilologia recebi o auxílio do meu apoio que já havia compreendido o termo.

Além disso, observamos que durante a interpretação houve a repetição de algumas sentenças, principalmente no início das frases, em momentos de pausa e para preencher o tempo de espera para recepção e compreensão da mensagem em Libras. Expressões que podem gerar um cansaço sonoro para os receptores ouvintes. Sentenças e expressões como essas selecionadas, apresentadas a seguir:

Repetições em Português
“A gente também pensa [...]”
“A gente também pode [...]”
“Né”
“Questão de [...]”

A respeito da datilologia, pensamos que seria um dos desafios durante a prática, devido à complexidade da mesma, em função da velocidade empregada. A datilologia é considerada um empréstimo por (AUBERT, 1998) da língua oral à língua de sinais, como uma soletração, por isso, quando ocorre a datilologia é necessário que o intérprete compreenda e produza a referida palavra. Entretanto, observamos que a palestrante surda optou por não fazer o uso muitas vezes desse recurso, e quando julgou necessário, o fez de maneira calma, com boa produção das configurações de mão. Não consideramos então como uma dificuldade na interpretação em análise.

Em relação às expressões que foram repetidas na interpretação para língua falada foi uma surpresa para nós, pois não pensamos que ocorreria. Mitch (2011) caracteriza essa estratégia como “generalização”, utilizada quando o intérprete se encontra em uma situação de dificuldade para compreender uma determinada fala na língua fonte e como resolução aciona palavras ou frases genéricas na língua alvo para “ganhar tempo”. A repetição dessas expressões genéricas pode ter causado cansaço sonoro ao público, contudo foi a estratégia inconsciente que encontrei em momentos de tensão. Dito isso, encerramos nossa análise, que buscou descrever alguns das estratégias mapeadas na interpretação realizada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a descrever e analisar estratégias de interpretação na direção Libras - Língua Portuguesa de uma interpretação simultânea em uma conferência. A partir dessa análise pudemos observar algumas estratégias e suas especificidades durante a interpretação. Também, na parte teórica, interessava refletir sobre possíveis justificativas proferidas a respeito da maior complexidade na interpretação de uma língua de sinais para uma língua oral.

Analisar e identificar as estratégias utilizadas por mim durante a interpretação da mesa redonda na SET foi uma tarefa complexa. Eu sabia o nervosismo que senti quando realizei a interpretação. Porém, essa reflexão pode mostrar que estar em companhia de uma equipe contribuiu de maneira significativa para a interpretação realizada. A respeito disso, ressalto que foi importantíssimo ter meus colegas e a intérprete supervisora presente no momento da minha prática, pois o trabalho em equipe me tranquilizou e possibilitou que eu recebesse apoio em momentos em que não compreendi determinados sinais.

Outro ponto que contribui significativamente para a performance da intérprete foi o recebimento do material que a palestrante utilizaria durante sua fala, assim pude me preparar com antecedência, pesquisar conceitos e contatar a palestrante para tirar dúvidas, inclusive no dia da interpretação, pois a mesma chegou antes do horário de início para conversarmos. Há, certamente, ganho em estudar o material que será interpretado.

Identifico que o trabalho em equipe e o estudo do material são formas do/da intérprete se sentir mais confiante, talvez essas sejam formas de minimizar os fatores subjetivos apresentados por Dias (2018), como limitadores para a interpretação para a língua oral.

Nessa situação, especificamente, o fato da palestrante ser surda, não nos pareceu ser algo significativo, a palestrante nos pareceu engajada para que a interpretação ocorresse tranquilamente, ela estava disposta a parar quando eu não entendia algo, previamente combinamos que isso poderia acontecer, caso fosse necessário.

Percebemos que na literatura há descrições de diversos fatores como problemas para direção de Libras para Português, porém, esses mesmos fatores podem ser igualmente problemáticos na versão inversa da interpretação. Por exemplo, durante a análise, observamos que o fator do tempo, da velocidade da sinalização causou algumas

omissões, mas que o mesmo pode acontecer durante a interpretação do Português para Libras, pois muitos ouvintes falam rápido. Não sendo essa uma problemática exclusiva na direção da língua de sinais para a língua falada.

Assim, questões como o automonitoramento acontecem de formas diferentes na interpretação para o Português, já que ouvimos nossa voz e monitoramos nossas escolhas. Nessa direção, diferentemente da interpretação para Libras, impossibilitados de monitorar em tempo real nossa produção, e o fato do público ouvinte, na maioria das vezes, estar em maior quantidade, diferente do público surdo, são possíveis razões encontradas na literatura e que nos parece fazer sentido.

Analisar e observar as escolhas e estratégias utilizadas serviu para compreendermos as inúmeras possibilidades que o intérprete tem ao realizar uma interpretação, tomadas de decisão conscientes e inconscientes. Além disso, notei que algumas das estratégias que inicialmente pensei que ocorreriam em maior frequência, como a antecipação e problema com a datilologia, na prática não ocorreram tanto. Acredito ser essencial, realizar como prática rotineira, a reflexão e análise de nossas interpretações, pois assim podemos identificar erros, boas estratégias e soluções para futuras interpretações.

Identificamos que alguns fatores são importantes para um aprofundamento como: mais estudos e práticas; trabalho em equipe para haver mais segurança e apoio durante essa complexa atividade e preparação com antecedência, conversar com a/o palestrante, sendo surda/o ou ouvinte.

Por fim, concluímos que os ETILS ainda carecem de mais trabalhos e estudos sobre a prática da interpretação para o Português, bem como, descrições de forma de se preparar e trabalhar em equipe. Devemos nos aprofundar no estudo e na prática da interpretação que tem a direção da produção para a língua falada e suas estratégias.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A. Mesclagem de voz e tipos de discursos no processo de interpretação da lingual de sinais para o português oral. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 291-306, out. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p291>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. **Tradterm**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128/129, 18 jun. 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49775/53879>>. Acesso em: 10 out. 2019.

BARBOSA, D. M. Omissões na interpretação simultânea. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 269-288, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p269>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

CHAIBUE, K.; AGUIAR, T. C. Dificuldades na Interpretação de Libras para Português. **Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade**, n. 17, p. 1-21, fevereiro, 2016. Disponível em: <<http://editoraararaazul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3%C2%BA%20Artigo%20REVISTA%2017%20Karime%20Chaibue.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

DIAS, W. P. S. **Interpretação da libras para o português Oral**: línguas, sujeitos e discursos. 53 f. Monografia (Graduação) - Bacharelado em Letras - Libras, Universidade Federal de Santa Catarina, São Luís, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/188135/TCC%20vers%C3%A3o%20final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

FINAU, R. A. **Os sinais de tempo e aspecto na libras**. 233 f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27868/T%20%20ROSSANA%20APARECIDA%20FINAU.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

GUERINI, Andréia. **Introdução aos estudos da tradução**. UFSC. Florianópolis. 2008. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/introducaoAosEstudosDeTraducao/assets/298/Texto_Base_Intro.Trad_pdf_.pdf. Acesso em: 5 dez. 2019

HELLMUTH, J. G. S. Antecipação de colocações – uma estratégia para a interpretação simultânea do alemão para o português. **Tradução em revista**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 1-18, 2017. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32228/32228.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 9 nov. 2019.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y traductología**: introducción a la traductología. Madrid: Ediciones Cátedra, 2013.

LIMA, N. O processo de reformulação na interpretação simultânea. **Acta Científica**, v. 21, n. 1, p. 41-54, 5 mar. 2012. Disponível em: <<https://revistas.unasp.edu.br/actacientifica/article/view/374/381>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

LOURENÇO, G. A interpretação simultânea Libras-Português: diferenças morfossintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz. **Tradução em revista**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 1-22, 2018. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34530/34530.PDFXXvmi=>>. Acesso em: 9 nov. 2019.

MITCH, E. B. **Estratégias na interpretação simultânea**. 43 f. Monografia (Graduação) - Departamento de Letras: Programa de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/14726890/Estrat%C3%A9gias_na_interpreta%C3%A7%C3%A3o_simult%C3%A2nea_a_Teoria_da_Relev%C3%A2ncia_e_o_Desempenho_Experto>. Acesso em: 15 nov. 2019.

NASCIMENTO, V. M. Interpretação da libras para português na modalidade oral: considerações dialógicas. **Tradução & Comunicação, Revista Brasileira de tradutores**, São Paulo, nº 24, p.79-94, 2012. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/rtcom/article/view/3733>> Acesso em: 10 nov. 2019.

NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Direction asymmetries in spoken and signed language interpreting. **Bilingualism: Language and Cognition**, Cambridge, v. 16, p. 624-636, 2013. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=8925018&fileId=S136672891200052>>. Acesso em: 10 out. 2019.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167619>>. Acesso em: 5 out. 2019.

NOGUEIRA, T. C.; GUESSER, A. “As pessoas não sabem o significado de apoio”: percepções e competências no trabalho em equipe na cabine de interpretação Libras-português em contexto de conferência. **Translatio**, Porto Alegre, n. 15, p. 122-158, 2018. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/180288/001070843.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 out. 2019.

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA**, São Paulo, v. 19, n. spe, p. 209-236, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 nov. 2019.

PEREIRA, M. C. P. Reflexões sobre a tipologia da interpretação de línguas de sinais. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 46-77, out. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35n2p46>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

QUADROS, R. M. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Secretaria de Estado de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: SEESP, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 44, p. 111-129, Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/111/940>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, out. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35n2p17>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

SILVA, M. M. O Coda, filhos ouvintes de pais surdos, e a Tradução e Interpretação de Libras. **Belas Infiéis**, v. 8, n. 1, p. 37-53, 31 jan. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/22611>>. Acesso em: 28 nov. 2019.

SOUSA, D. V. C. Interpretação Libras/Português: uma análise da atuação dos tradutores/intérpretes de libras de São Luís. **Revista Littera**, São Luís, v. 1, n. 1, p. 60-66, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicoselectronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/108/67>>. Acesso em: 8 nov. 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, M. L. B.; BARTHOLAMEI, L. J. **Estudos da Tradução I**. Florianópolis: CCE/UFSC, 2008.